

A ARQUITETURA BARROCA EM SÃO PAULO NO SÉCULO XVIII: ALGUNS EXEMPLOS

Duílio BATTISTONI FILHO

Pode-se afirmar que o barroco alcançou em São Paulo o mesmo esplendor de outras regiões brasileiras, especialmente Minas Gerais? Certamente que não. Entretanto, São Paulo apresentou magníficos exemplos de arte barroca comprovada em numerosos templos espalhados nesta região.

São Paulo nas primeiras centúrias coloniais, foi uma região extremamente pobre, isolada e quase despovoada já que os seus habitantes, notadamente os homens, estavam mais interessados em participar das bandeiras de caça ao índio e na busca de metais preciosos do que cultivar uma lavoura de subsistência.

Os paulistas pagaram o preço da miséria e da riqueza. A miséria ocasionou as construções precárias de taipa de pilão, que ruíram. A riqueza causou o mesmo efeito. O progresso urbano, incompatível com vielas estreitas e tortuosas, bloqueadas pelas numerosas igrejas, determinou a demolição desses templos. Poucos exemplares de edificações religiosas setecentistas escaparam à voragem de demolições provocada pelo grande surto de urbanização de nosso século.

Estudando magistralmente os retábulos jesuíticos do Embu, São Roque, Voturuna e do Colégio de São Paulo, Lúcio Costa chega à conclusão que somente dois exemplos são dignos da arte barroca paulista, no seu entendimento. São eles os dois retábulos da capela de Nossa Senhora da Conceição de Voturuna (Santana do Parnaíba) e o de Santo Antonio, em São Roque. Respeitamos o seu ponto de vista. Contudo, outros exemplos de arte barroca são dignos de estudo, como veremos adiante.

O grande século para a arquitetura em São Paulo foi o XVII. São desta centúria construções que, por seu caráter, podem se ombrear com as melhores do Brasil. Apesar da impressionante sobriedade, rudeza e ajuste estrito aos programas construtivos, são surpreendentes o acerto de proporções e o apuro de alguns detalhes.

As construções desta época dividem-se em dois grupos distintos: as do litoral e as do planalto, compreendendo, estas, as de origem missionária - igrejas, capelas e residências, tanto as rurais como as urbanas. As edificações do litoral era de material mais duradouro - a alvenaria de pedra e cal; as do planalto, de material mais rude - a taipa de pilão que perdurou até o século XIX, limitando completamente o desenvolvimento da arquitetura. Entretanto, graças ao extraordinário esmero de construção e aos cuidados com a técnica de execução, subsistiu grande número de edificações do planalto, hoje satisfatoriamente restauradas.

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais, nos últimos anos do século XVII, para lá afluíu, em grande quantidade, gente de diferentes procedências, sobretudo da Bahia, de São Paulo e da Metrópole.

Derrotados nas lutas chamadas de emboabas, os paulistas acabaram por abandonar as minas. Poucos anos depois, a Província de São Paulo foi subdividida, dando lugar à criação da Província de Minas Gerais. Tais ocorrências determinaram, na primeira metade do século XVIII, uma forte estagnação e até declínio econômico-social no planalto paulista e em toda a Província, embora os paulistas se tivessem lançado, depois às descobertas das minas de Goiás e Mato Grosso.

O despovoamento das terras paulistas e o afastamento dos caminhos do ouro que de Goiás e de Minas iam ter obrigatoriamente ao Rio de Janeiro, porto de embarque para o Reino, determinaram, tanto no litoral quanto - e principalmente - no planalto, uma profunda depressão sócio-econômica, só superada no século XIX com o cultivo do café.

Desde o início dos setecentos, verificou-se no litoral norte de São Paulo - em São Sebastião, Ubatuba, Ilhabela - a afluência de numerosos indivíduos oriundos de Portugal com a intenção de aí esperar ocasião propícia para atingir clandestinamente as minas e, também contrabandear o ouro, desviando-o do controle de Metrópole. Conseqüentemente, ocorreu aí algum progresso que deu origem ao desenvolvimento da cana e aparecimento do engenho de açúcar. Nessas regiões ocorreu uma solução nova na arquitetura paulista com o emprego de estruturas de madeira e paredes de pau-a-pique nas casas de engenho. Tanto estas edificações quando o sobrado nobre setecentista, ainda existente em São Sebastião, ligam-se diretamente à arquitetura portuguesa ou à do Rio de Janeiro.

Incontestavelmente, nos meados do século XVIII, com o plantio da cana-de-açúcar no planalto, verificou-se, aí, certa prosperidade, principalmente em Campinas, Itu, Sorocaba, Porto Feliz e Santana do

Parnaíba, o que propiciou o aparecimento de edificações residenciais urbanas e, sobretudo, de construções religiosas. Mas a timidez diante dos gastos fez com que não aparecessem grandes igrejas barrocas.

A arquitetura e as demais artes no Brasil, especialmente em Minas Gerais, chegaram, no século XVII, a um grande desenvolvimento. Criaram-se mesmo soluções próprias de planta e estilo desligadas, até certo ponto, das influências lusas. Em São Paulo, entretanto, praticamente nada se fez que representasse novidade. No planalto e em Santos foram edificadas algumas igrejas conventuais de ordens terceiras, principalmente carmelitas e franciscanas, mas são nítidas nestas construções as influências de Minas e do resto do Brasil. Uma particularidade nos chama a atenção: nas capelas paulistas não predominam as obras de talha e sim pinturas ornamentadas em tábuas.

A igreja de Nossa Senhora do Carmo e a Matriz de Nossa Senhora da Candelária, ambas em Itu, a igreja da Ordem Terceira Carmelita, de São Paulo, as igrejas do Convento e a da Ordem Terceira do Carmo, de Santos, e as de Mogi das Cruzes, deformadas por modificações ou acréscimos, apresentam alguns elementos de real interesse, como as talhas dos altares-mores da Matriz de Itu e da igreja conventual carmelita de Santos, parecidas entre si. Igualmente dignas de apreço são as pinturas que revestem quase todas essas igrejas, nos tetos e, em painéis, nas paredes. Dentre todas, sobressai a do teto da capela-mor da matriz ituana, semelhante às pinturas rococós mineiras. Os painéis desta igreja foram pintados pelo padre Jesuino do Monte Carmelo. Também de sua lavra são as pinturas da Ordem Terceira do Carmo em São Paulo.

A igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, no tradicional Largo de São Francisco, está muito ligada à história da cidade de São Paulo, sendo a mais conhecida e a mais venerada pelos paulistanos. Suas paredes remontam no início de sua construção em 1644. Distingue-se por sua planta em cruz latina, com cruzeiro de forma octogonal, coberto por cúpula. Em uma das capelas do transepto está o altar da edificação inicial, cujo retábulo abriga, ao lado de anjos barrocos, uma imagem de Santo Antonio de Categeró, preto franciscano de origem africana muito cultuada pela população.

O Convento e a Igreja de Nossa Senhora da Luz, em São Paulo, foram iniciados em fins do século XVII, ampliados no século seguinte sob a administração de frei Galvão e concluídos no século XIX. Possui a Igreja dupla fachada, uma das quais, com pórtico de entrada - galilé - aberto em três arcos, encimada por sineira. A Igreja, de partido centrado, apresenta-se com nave de forma octogonal. Em 1970, sob a assistência técnica do SPHAN, o

Conselho Estadual de Cultural promove a restauração do prédio. Nesse ano, por decreto de 28/10/69, foi instalado na ala esquerda já restaurada, o Museu de Arte Sacra. A capela de Nossa Senhora do Pilar, em Taubaté, edificada por volta de 1732, segue também partido centrado com nave octogonal.

No litoral norte paulista, no Município de Ilhabela, ainda existem alguns dos pequenos engenhos datados dos últimos anos do século XVII e do seguinte. Entre eles acham-se inventariados o Engenho de Santana, o Engenho de São Matias e o Engenho d'Água, este o mais bem conservado. São edificações com estrutura de madeira e paredes de pau-a-pique, assobradados, com amplas varandas nas fachadas principais, semelhantes a outras construções rurais brasileiras. Diferenciam-se, no entanto, de quase todas as demais pela característica rara de apresentarem, conjugados, em uma única edificação, a cada morada, a capela doméstica, a casa de engenho e os depósitos. Edifícios excepcionalmente bem proporcionados, são admiráveis, pelos contrastes entre os vãos e os planos da parede e pelo jogo de planos dos telhados.

O quadro econômico, social e demográfico da Província de São Paulo, que conservava praticamente inalterado até meados do século XIX, só atingiu estágio mais elevado quando o café alcançou e por fim dominou as terras daquela província. Em pouquíssimo tempo muda, de forma impressionante o panorama social e arquitetônico paulista. Entretanto, o conjunto da arte religiosa dos séculos XVII e XVIII em São Paulo reuniu não só uma imaginária inicial, original como peculiar e bela. Sem atingir os ápices artísticos de Minas Gerais, na modéstia de seu isolamento e pobreza, deixou-nos certamente um resíduo, cuja participação popular foi assim mesmo próxima do erudito.